

Coleta seletiva: menor que a cidade

Se a população quisesse reciclar todo o lixo, não haveria estrutura para tratá-lo

JOSÉ CARLOS PEGORIM
jpegorim@destakjornal.com.br

Se por um milagre qualquer os paulistanos passassem de uma hora para a outra a separar o material reciclável do lixo, ele teria de ser jogado fora. As 15 cooperativas de reciclagem com convênio com a prefeitura, que operam com muitos ex-catadores de rua, recolhem cerca de 2% do que é gerado na capital e têm dificuldade para dar conta do serviço em épocas como o Natal. A estratégia de coleta seletiva baseada em solidariedade foi, até aqui, insuficiente para lidar com o problema do lixo nas dimensões exigidas pela megacidade de 10 milhões de habitantes.

Das 16 mil toneladas de lixo domiciliar produzidas por mês na cidade, as cooperativas apoiadas pela prefeitura conseguem recolher apenas 3,7 toneladas. Mas, segundo



LU SANTOS/DESTAK

Separação de materiais em esteira na cooperativa de reciclagem de Pirituba: coleta ainda longe da dimensão de uma megacidade

o coordenador da coleta seletiva de São Paulo, Jetro Menezes, o valor chega a quase 10% levando em conta o que empresas especializadas e ONGs resgatam. Segundo Menezes, um novo modelo jurídico vai ampliar o sistema de coleta seletiva nas duas pontas, da solidariedade e do negócio, facilitando a inclusão de novas

cooperativas de catadores e incentivando a atuação de empresas especializadas em reciclagem de materiais.

A reciclagem tem grande aceitação na população, mas hoje uma campanha de publicidade maciça para incentivar a seleção poria o sistema em xeque: "A demanda pode ir muito além do que dá para atender", diz Menezes.

Mercado

O jornalista Fábio Alberti se juntou a quatro colegas para fundar há 4 anos a Econsiência, empresa de reciclagem baseada na Mooca. Para ele, o mercado paulistano de reciclagem tem espaço para todo mundo, cooperativas de ex-catadores e empresas. Ativistas ambientais, vieram a chance de fazer di-

nheiro com a atividade que defendiam de coração e colocar de pé uma alternativa ecologicamente correta. A Econsiência separa e vende 30 toneladas de material reciclado por mês. Recente lei exige que condomínios passem a separar os materiais recicláveis do lixo. Alberti põe pouca fé: "Quem vai fiscalizar?" ●

PIRITUBA É NOVO MODELO DE GESTÃO

A cooperativa de reciclagem de Pirituba, uma das mais eficientes das 15 oficiais, é uma linha de produção que trabalha 8 horas por dia com um cardápio de 42 materiais. O mais rentável é o plástico PEAD, das embalagens sanitárias, que vale R\$ 1,23 o quilo, mas não se confunde com o PET, das garrafas de refrigerante; o papel branco (R\$ 0,53 o quilo) vale quase o dobro do papelão, campeão de recolhimento entre os carrinheiros. Se o volume recolhido por elas não faz "nem cosquinha" no lixo da cidade, diz Jair Amaral, 35 anos, seu diretor técnico, elas têm espaço para crescer com melhor gestão - em 2005, recolhiam só 1,7 tonelada/mês. Amaral, que tem formação superior, faz o mais difícil para a maioria: gestão. O sonho é pular dos atuais 32 membros para 96, em três turnos de 8 horas. A cooperativa chega a 60% das ruas da região, mas só a 20% dos moradores. "Temos 80% de espaço para crescer."